

FRAGMENTOS E *TÓPOI* BIOGRÁFICOS NOS SÉCULOS V E IV A.C.

Pedro Ipiranga Júnior*

* Universidade Federal do
Paraná
junioripiranga7@hotmail.
com

RESUMO: O fenômeno biográfico na Antiguidade perpassa vários campos discursivos e gêneros literários. Pretendo abordar a formação de um campo biográfico anterior à consolidação do gênero do *bíos* antigo, a partir de algumas obras do séc. IV a.C. e de fragmentos do séc. V a.C. Em vista disso, reformulo a concepção de *tópos* biográfico no sentido de abranger obras com alguns traços biográficos, mas que não se enquadrariam estritamente no gênero. O propósito, por conseguinte, seria traçar uma taxonomia desses *tópoi*, assinalando o tipo de pertinência, função e contextualização nos diversos relatos.

PALAVRAS-CHAVE: biografia antiga; *tópos* biográfico; fragmentos biográficos.

FRAGMENTS AND BIOGRAPHICAL *TOPOI* IN THE FIFTH AND FOURTH CENTURIES BC

ABSTRACT: The biographical phenomenon in antiquity pervades various literary genres and discursive fields. I intend to approach the formation of a field prior to consolidation biographical genre of old bios from some works of the fourth century BC and the fifth century BC fragments In view of this, I reformulate the concept of biographical topos to encompass works with some biographical traits, but that would not fall strictly within the genre. The purpose, therefore, would be to draw a taxonomy of these topoi, indicating the type of pertinence, function, and context in the various reports.

KEYWORDS: ancient biography; biographical *topos*; biographical fragments.

Minha pesquisa, nestes últimos anos, de maneira geral, tem se voltado para a prosa literária na Antiguidade. Embora o termo literário possa parecer anacrônico, o fato é que vários escritores dos períodos clássico e pós-clássico buscaram associar, comparar ou mesmo contrastar seus escritos em prosa em relação sobretudo com a poesia, ou seja, buscaram redefinir sua prosa segundo a finalidade, os efeitos, os princípios composicionais das obras poéticas de então. Partindo dessa perspectiva, os aspectos segundo os quais tenho abordado e estudado a prosa antiga são os seguintes: a) as relações prosa/poesia e, em consequência, o estatuto de uma prosa literária; b) os gêneros discursivos e suas interrelações; c) o gênero romanesco e suas várias espécies;¹ d) as narrativas híbridas entre o romanesco e o biográfico; e) biografia e narrativas de si; f) as interrelações entre os escritos cristãos e a tradição grego-latina e, também, os escritos judaicos; g) o fenômeno biográfico na Antiguidade e a constituição do gênero do *bíos*.

1. Para uma visão do gênero romanesco na Antiguidade, cf. REARDON, 1971, 1991; HÄGG, 1983; KONSTAN, 1994; BRANDÃO, 2001, 2005; WITHMARSH, 2008; TILG, 2010.

2. Para o gênero biográfico, cf. MOMIGLIANO, 1991; EDWARDS & SWAIN, 1997; GALLO, 2005; GUIJARRO, 2007; IPIRANGA JÚNIOR, 2011.

Neste trabalho discuto formas de abordagem, de classificação e de dimensionamento do gênero *bíos* na Antiguidade.² Trata de um gênero de narrativa biográfica que se estenderia desde o século IV a.C. até fins da Antiguidade Tardia e, segundo alguns estudiosos como Momigliano, possivelmente no século V a.C. ou mesmo em fins do século VI a.C., haveria uma espécie de escrito biográfico, cuja classificação, todavia, pela escassez de informações e pelo estado muito fragmentário do que restou, continuaria da ordem do conjectural.

A primeira questão a ser apontada diz respeito ao nome sob o qual o gênero biográfico é referenciado na Antiguidade. A palavra ‘biografia’, embora de origem grega, é empregada apenas tardiamente, aparecendo pela primeira vez nos fragmentos da *Vida de Isidoro*, composta por Damácio, em fins do século V d.C., que estão inseridos na *Biblioteca* (181 2 242) do patriarca Fócio (séc. IX). O termo que designa o gênero é *bíos* (ou as expressões *perí tou* seguida de nome próprio), *vita* em latim, termo esse que apenas aparece na segunda metade do século IV a.C., em primeiro lugar, explicitamente atestado para os escritos biográficos de

Aristóxeno. Por seu turno, a palavra ‘autobiografia’ é uma construção moderna, sendo atestada inicialmente em 1809 em inglês, utilizada pelo autor anônimo da Monthly Review, o qual preferiu esse neologismo, autobiography, ao outro então usado de ‘self-biography’ (biografia de si).

No entanto, toda a produção biográfica helenística até o século II a.C. se perdeu, restando apenas de forma fragmentária (que também é o caso dos *bíoi* de Aristóxeno), com exceção de uma *Vida de Eurípides*, composta por Sátiro, cujo fragmento, mais ou menos completo, veio à luz em 1912 com o achado no Egito do papiro de Oxyrinco Poxy 1176, *bíos* esse que possui uma estruturação surpreendentemente dialogada. Os primeiros exemplares remanescentes datam do século I a.C., que são a coleção de vidas de Cornélio Nepos e fragmentos substanciosos de uma *Vida de Augusto* e de um relato de caráter autobiográfico de Nicolau de Damasco.

Dessa forma, o grosso das narrativas biográficas e, por assim dizer, autobiográficas remanescentes advém do período romano-helenístico, cujos autores mais representativos seriam Plutarco, Suetônio, Luciano de Samósata, Diógenes Laércio, Filóstrato entre outros. Paralelamente, nos âmbitos judaico e cristão, surgem obras, em maior ou menor medida, enquadradas em ou, ao menos, influenciadas, pelo gênero do *bíos*, como por exemplo a *Vida de Moisés* de Fílon de Alexandria, da primeira metade do séc. I. d.C., e a *Autobiografia* de Flávio Josefo, da segunda metade do séc. I. d.C., no lado judaico, enquanto no lado cristão temos a produção dos Evangelhos, que têm sido classificados segundo certos autores, como Richard Burridge, como pertencentes ao gênero do *bíos*, alguns Atos dos Apóstolos Apócrifos (que apresentam um hibridismo de biografia e romance),³ a *Vita Antonii*,⁴ considerada como a primeira biografia cristã, do século IV d.C., bem como o conjunto das hagiografias subsequentes.

Uma outra questão importante é a avaliação de obras, em maior ou menor medida, com traços biográficos da primeira metade do séc. IV a.C. e dos pequenos e escassos fragmentos remanescentes do séc. V a.C. Frente a esse dois tipos diferentes de corpora, a atitude de alguns comentadores e teóricos, como Arnaldo Momigliano e Italo Gallo, tem sido bastante parcial: enquanto desvalorizam, de certo modo,

3. Cf. VOAUX, 1913; LALEMAN, 1998; OTERO, 1999; PIÑERO&CERRO, 2004; IPIRANGA JÚNIOR, 2009.

4. Para uma avaliação mais geral sobre a *Vita Antonii*, ver minha tese: IPIRANGA JÚNIOR, 2006. Antecedendo essa obra biográfica de Atanásio, teríamos a *Vida de Cipriano*, composta por Pôncio, ainda no século III a.C.; seu estatuto biográfico, contudo, é obscurecido por uma intenção marcadamente retórica e encomiástica.

essas obras do séc. IV a.C., superestimam aquelas do séc. V, de que temos apenas pouquíssimos fragmentos, insuficientes para uma tomada de posição em relação ao gênero. Minha posição é que tais fragmentos, embora possam ser considerados no interior do fenômeno biográfico na Antiguidade, não são suscetíveis de serem avaliados como do gênero do *bíos*, cuja formação propriamente dita é posterior. Sobre eles comentarei mais adiante.

Quanto às obras da primeira metade do séc. IV a.C., o delineamento da questão é mais complexo e nuançado. Em primeiro lugar, os textos que melhor se enquadrariam no gênero do *bíos*, o *Evágoras* de Isócrates, composto por volta de 370 a.C., e o *Agesilau* de Xenofonte, de 360 a.C., são denominados como elogios em prosa, com fins de celebrar a memória e a vida de grande líderes políticos, mortos recentemente. Várias outras obras de Isócrates, Platão e Xenofonte não deixam de ser experimentações no campo biográfico, porém não chegam a se definir como *bioi* no sentido estrito. A *Ciropedia* de Xenofonte, por outro lado, ainda que descartada por Momigliano como do campo do ficcional, muitas vezes classificada como romance histórico, seria um exemplar daquilo que chamaria de narrativa biográfica pedagógica ou biografia de formação. No entanto, a problemática em que está inserida é bastante complexa para ser discutida aqui.⁵

5. Discuti especificamente sobre questões de gênero na *Ciropedia* no ensaio “Cenas de amor e guerra na *Ciropedia*: concepções de gênero”, constante do livro *Do amor e da guerra: um itinerário de narrativas*. Organização de Pedro Ipiranga Júnior, Renata Senna Garraffoni e Ana Maria Burmester. Prefácio de Anamaria Filizola. São Paulo: Annablume; Brasília: Capes, 2014.

6. SMITH, 2007, p.184-216.

De uma forma ou de outra, continua problemático o enquadramento num único gênero, no *bíos* antigo, de obras que pertencem a um escopo cronológico tão extenso, sendo cada espécie e subespécies influenciadas pelos mais variados campos discursivos e sujeitas às mais diversas condicionantes históricas e culturais, o que resulta num gênero, no mínimo, multifacetado. Em vista disso, as várias taxinomias propostas se revelam insuficientes. Justin M. Smith⁶ faz um levantamento esquemático dessas categorizações, de que tomamos as referências mais precípuas como exemplos. Começa pela classificação já paradigmática e clássica de Friedrich Leo, cujos dois modelos seriam: 1) biografia peripatética (modelo plutarqueano, que segue um esquema cronológico de apresentação); 2) biografia gramatical-alexandrina (que se organiza segundo uma sequência narrativa por tópicos ou temas).

- Wehrli: (1) vidas de filósofos e poetas (com material organizado cronologicamente); (2) encômios de generais e líderes políticos; (3) vidas de literatos e escritores.⁷
- Klaus Berger: (1) O tipo encômio (Isócrates, Xenofonte, Fílon, Tácito, Luciano); (2) o tipo peripatético, que é a representação cronológica do caráter moral de um personagem visto através de suas ações (Plutarco); (3) o tipo romanesco-popular (*Vida de Esopo, Vida do filósofo Segundo*); (4) o tipo alexandrino, consistindo de uma apresentação sistemática dos eventos de uma vida (Suetônio).⁸
- Talbert: 1) Biografias didáticas; 2) Biografias não-didáticas (tipo gramatical ou alexandrino). Seriam cinco classes da biografia didática segundo Talbert:
 - (1) Tipo A: Biografias que funcionam como um padrão de emulação (p.ex. Luciano, *Demônax*); (2) Tipo B: Biografias que funcionam para substituir uma falsa imagem de um mestre ou uma figura de renome com uma representação de verdade que deve, então, ser visto como digno de ser imitado. (p.ex. Xenofonte, *Memorabilia*); (3) Tipo C: Biografias que funcionam para expor um professor ou um indivíduo como personagem falso ou cheio de falhas (p.ex. Luciano, *Alexandre ou o falso profeta*); (4) Tipo D: Biografias que funcionam para registrar e estabelecer a delimitação verdadeira de uma escola particular ou filosofia através da documentação da sucessão dos discípulos do mestre e, assim, estabelecer ortodoxia por meio sucessão; (5) Tipo E: Biografias que funcionam para tentar entender o comportamento ou os ensinamentos de uma figura particular, especialmente nos casos em que o comportamento é peculiar, estranho, ou fora das normas sociais (p.ex. *Vida do filósofo Segundo*).⁹

7. WEHRLI, Fritz. 'Gnome, Anekdote und Biographie', *Museum Helveticum* 30 (1973), pp. 193-208 (193).

8. BERGER, Klaus. 'Hellenistische Gattungen im Neuen Testament', p. 1236.

9. TALBERT, Charles H. *What Is a Gospel? the Genre of the Canonical Gospels*. Philadelphia: Fortress Press, 1977, p. 94-96.

Smith, por seu turno, propõe um modelo de classificação em que seriam primordiais o contexto de recepção da obra e seu modo de endereçamento e transmissão. Seriam, portanto, dois os parâmetros de classificação: 1) o fato de a figura do biografado pertencer ou não à época do biógrafo; 2) o fato de se dirigirem ou a uma comunidade determinada ou a uma ampla e indefinida gama de leitores, diferenciadas assim em biografias de tipo definido e biografias de tipo indefinido. Resultariam, por conseguinte, quatro subgêneros nessa categorização de Smith:

- (1) Biografias antigas-definidas (Sátiro, *Vida de Eurípedes*; Fílon, *Vida de Moisés*; Plutarco, *Vidas*; Arriano, *Anábase de Alexandre*; Jâmblico, *Vida de Pitágoras*; Filóstrato, *Vidas de Sofistas*), como obras sobre homens ilustres do passado e que se dirigiam a uma audiência específica (escola filosófica, grupo educacional, críticos etc.).
- (2) Biografias antigas-indefinidas (*Vida de Esopo*; Filóstrato, *Vida de Apolônio de Tiana*; Cornélio Nepos, *Vidas de Chefes Militares*; Suetônio, *Júlio César, Augusto e Tibério*); direcionadas a uma audiência mais ampla e indefinida, interessada nessas figuras históricas, em história ou simplesmente por divertimento.
- (3) Biografias contemporâneas-definidas (Isócrates, *Evágoras*; Xenofonte, *Agesilau*; Tácito, *Agrícola*; Plutarco, *Vidas—Galba, Oto*; Porfírio, *Vida de Plotino*), obras escritas sobre personagens que pertenciam à época ou estavam na memória recente do biógrafo.
- (4) Biografias contemporâneas-indefinidas (Cornélio Nepos, *Ático*; *Vida do filósofo Segundo, o silencioso*; Luciano, *Demônax*; Suetônio, *Vespasiano, Tito, Domiciano*); direcionadas ao campo mais geral da *paideia* ou do entretenimento.

Esta classificação de Smith tem uma certa funcionalidade, sobretudo porque encarece o fato de que uma biografia composta sobre uma figura contemporânea apresenta traços distintivos em relação àquelas feitas sobre personagens mais antigos. No entanto, o parâmetro de ser a obra dirigida a uma comunidade específica ou não esbarra na carência e insuficiência de informações na Antiguidade, o que torna muito conjectural optar por um público leitor definido ou indefinido.

Por seu turno, a categorização proposta por Richard Burrige se afigura mais produtiva por propor vários parâmetros que funcionam como índices biográficos, mais do que subdividir o gênero em subgêneros ou espécies, embora isso possa ser deduzido pelos padrões comparativos por ele propostos. São os seguintes os modos de categorização segundo Richard Burrige¹⁰:

10. Cf. BURRIDGE, Richard A. *What are the Gospels? A Comparison with Graeco-Roman Biography*. William B. Eerdmans Publishing Company, Gran Rapids: Michigan/Cambridge, 2004.

- A) Traços de abertura;
- B) Sujeito/tema da biografia;
- C) Características externas;
- D) Características internas;

- A) Traços de abertura:
1. Título;
 2. Fórmulas de abertura (prefácio/prólogo)
- B) Tema/biografado
1. Sujeito dos verbos;
 2. Alocação do espaço reservado ao protagonista (aspectos/ extensão de cada período)
- C) Características externas:
1. Modo de representação;
 2. Metro;
 3. Extensão;
 4. Estrutura/sequência;
 5. Escala;
 6. Unidades literárias (anedotas, ditos, histórias, lendas, cartas)
 7. Uso das fontes (orais, escritas)
 8. Métodos de caracterização (indireta pelo relato das ações)
- D) Características internas:
1. Cenário dramático;
 2. *tópoi*;
 3. Estilo;
 4. Atmosfera (tom, temperamento/humor, atitude, valores);
 5. Qualidade de caracterização (estereótipos);
 6. Contexto social e ocasião;
 7. Intenção autoral ou propósitos: a) encomiástico; b) exemplar; c) informativo; d) valor de entretenimento; e) para preservar a memória; f) didático; g) apologético e/ou polêmico

Seria necessário, não obstante, mudar de perspectiva para poder falar de narrativas com traços biográficos que, de certo modo, extrapolaria o gênero do *bíos* antigo. Em vista disso, julgo conveniente reequacionar o conceito de Philippe Lejeune de “fundo auto-biográfico”¹¹ e adaptá-lo para o fenômeno biográfico antigo, nomeando de “ambiência biográfica” tudo aquilo que concerne tanto a essa obras com traços biográficos, quanto aos vários comentários na Antiguidade e às várias teorizações ou críticas modernas sobre

11. Cf. LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris, Seuil, 1975.

elas, sobre o fenômeno biográfico em geral ou sobre a constituição do gênero do *bíos* antigo.

Em vista de analisar o corpus dessa “ambiência biográfica”, eu redimensiono a noção de *tópos*, enquanto temas ou tópicos recorrentes e característicos no *bíos*, para uma concepção mais abrangente, tomando como base o conceito de biografema tal qual apresentado por Sergi Grau i Guijarro:

12. GUIJARRO, 2007,
p. 227.

Forma tipificada concreta que permite converter o passado em estereótipos, concentrá-lo e organizá-lo em esquemas narrativos memoráveis, de tal forma a lhe fornecer um sentido universal, coletivo, às ações individuais de um personagem; além do mais, esses biografemas se constituem, precisamente, por seu caráter universalizador, em tópicos.¹²

Há de se enfatizar que é fundamental para uma concepção de *tópos* discursivo esse reenquadramento e retomada do passado sob a forma de estereótipos, o que resulta numa tendência, na composição, para a justaposição de unidades, em maior ou menor medida, autônomas no decorrer do relato biográfico, assim como numa perspectiva de recepção direcionada para a construção e transmissão de modelos e padrões determinados.

A partir dessa definição de biografema, estabeleço a seguinte concepção de *tópos* discursivo biográfico: é um trecho discursivo moldado a partir de aspectos estilísticos, morfossintáticos, estruturais, diegéticos, enunciativos ou concernentes à ambiência histórico-cultural, que apresenta um padrão recorrente num enquadramento especialmente narrativo, delimitando traços característicos de gênero ou de outra espécie ou campo discursivos, podendo estar associado a uma estruturação ou função mnemônica, por vezes assumindo uma certa autonomia na transmissão textual.

A funcionalidade desse tipo de concepção de *tópos* discursivo biográfico permite analisar quaisquer obras dessa “ambiência biográfica”, colocando em relevo suas características proeminentes na composição, transmissão e recepção das obras, sem que haja necessidade de constituírem *stricto sensu* narrativas biográficas. Essa categorização em *tópoi* biográficos, por conseguinte, não se restringe a aspectos meramente tópicos ou temáticos, mas a diversos tipos de recorrências discursivas, quais seriam:

- a) *tópoi* estruturais; aqui estão referenciados os dois elementos estruturadores da narrativa biográfica: a1) feitos/*práxeis*; a2) caráter/*éthos*;
- b) *tópoi* relativos a aspectos ou fases da existência; são retomados aqui os *tópoi* ou tópicos tradicionais: b1) ascendência/linhagem/origem; b2) nascimento e circunstâncias da infância; b3) juventude e educação; b4) maturidade; b5) morte e circunstâncias depois da morte.
- c) *tópoi* relativos à poética, às artes em geral e às unidades literárias: c1) comparação com a poesia; c2) comparação com artes plásticas; c3) unidades literárias inseridas (ditos, anedotas, histórias, cartas etc);
- d) *tópoi* concernentes a contextos sócio-culturais; esses seriam, de modo esperável, muito mais varáveis, de que seriam exemplos: d1) o estatuto do herói (filósofo, político, general, homem santo, poeta, escritor); d2) comparações com outras culturas; d3) ênfase em traços fisiognômicos;
- e) *tópoi* concernentes à paideia: e1) ciclo de estudos; e2) treino físico e mental; e3) exercícios ascéticos e ligados ao cuidado de si;
- f) *tópoi* diegéticos: f1) narrativas de combate e de estratégias de guerra; f2) narrativa em forma dialógica; f3) argumentações sobre conceitos; f4) construções anedóticas;
- g) *tópoi* estilísticos; estes *tópoi* tendem a singularizar antes narrativas específicas e autores determinados do que propriamente o gênero, embora possam ser característicos de certo corpus de narrativas biográficas ou com traços biográficos.

Nesse tipo de categorização pode haver uma certa superposição entre os *tópoi*. Por exemplo, o aparecimento de uma anedota diz respeito ao terceiro *tópos* por se tratar de uma unidade literária, ao sexto *tópos* por indicar um elemento novo na sequência narrativa e ao sétimo *tópos* por abrigar em si construções estilísticas que podem ser mais ou menos padronizadas e esperáveis num estilo anedótico. Não obstante, importa aqui os ângulos e perspectivas diferenciadas sob os quais serão analisados, ainda que referenciando a um entrecho narrativo comum.

Tomo como primeiro exemplo um texto sui generis, a *Vida* ou o *Romance de Esopo*,¹³ cujo enquadramento no gênero do *bíos* seria questionável, podendo ser classificado como um romance de tendência biografizante ou como uma

13. Sobre o *Romance de Esopo*, cf. PERRY, 1952; ADRADOS, 1979; HOLZBERG, 1992; PAPATHOMOPOULOS, 1999, 1991; KARLA, 2001, 2009; JOUANNO, 2006, 2009; HÄGG, 2009.

vida romanesca, de acordo com os pressupostos ou critérios de cada estudioso. Eis o início da recensão G, editada por Papathomópoulos:

Ὅ πάντα βιωφελέστατος Αἰσωπος, ὁ λογοποιός, τῇ μὲν τύχῃ ἦν δοῦλος, τῷ δὲ γένει Φρύξ τῆς Φρυγίας· κακοπινῆς τὸ ἰδέσθαι, εἰς ὑπηρεσίαν σαπρός, προγάστρω, προκέφαλος, σιμός, λόρδος, μέλας, κολοβός, βλαισός, γαλιάγκων, στρεβλός, μυστάκων, προσημαῖνον ἀμάρτημα πρὸς τούτοις ἐλάττωμα μείζος εἶχε τῆς ἀμορφίας τὴν ἀφωνίαν ἣν δὲ καὶ νωδὸς καὶ οὐδὲν ἡδύνατο λαλεῖν.

Esopo, compositor de discursos, em tudo utilíssimo para a vida, por questão de sorte foi escravo, por questão de nascimento foi frígio da cidade de Amório na Frígia; asqueroso ao olhar, carcomido pelo trabalho, pançudo, testudo, acachapado no nariz, com corcova no peito, preto, atarracado, zambeta, de bracinhos de anão, vesgo, beçudo, um desastre manifesto. Além disso, possuía um defeito pior que sua deformidade: era privado da fala; era inclusive desdentado, impossibilitado de articular qualquer coisa e sem nada conseguir enunciar.¹⁴

14. *Romance de Esopo*, 1, 1.

No caso dessa obra, há de se considerar como relevante tanto o aparecimento de *tópoi* esperáveis, como a falta e o emprego inusual de alguns. Faz-se menção ao *tópos* b2, concernente ao lugar de nascimento, mas sem as referências usuais a esse *tópos*, pois não fornece nenhum detalhe sobre o nascimento em si, nem sobre a infância. Da mesma forma, nada é informado sobre os pais, sobre a família ou sobre os seus ascendentes, ou seja, sobre o *tópos* b1. De certa forma, a condição de escravo, segundo o que é exposto, se contrapõe a uma linhagem de tipo tradicional, porém, não impediria dados correlatos sobre o personagem. Na verdade, o *tópos* que mais se sobressai nesse início do relato é *tópos* a2; há uma caracterização do personagem que busca marcar sua singularidade: sua extrema feiúra de corpo a que se soma sua incapacidade de falar e articular um discurso. No decorrer do relato, essa deformidade externa relativa ao corpo será contrastada com uma capacidade de pensamento extremamente inventiva e dotada de sabedoria exemplar. Nesse sentido, a sabedoria, muitas vezes prática, de Esopo irá reagir e se contrapor, superando-a, a uma cultura letrada encarnada no relato pelo filósofo Xanto. A partir desse

exemplo inicial, pode-se concluir (o que poderia ser corroborado pela análise de toda a narrativa) que o *Romance de Esopo* se utiliza de vários *tópoi* biográficos, mas de uma forma diferente do gênero *bíos*, o que denuncia o extremo grau de hibridização a que está submetido, aparentando-o mais a uma narrativa romanesca.¹⁵

Foge do escopo desse trabalho uma análise mais detalhada do *Rom. Esopo*. No entanto, embora datado pela maior parte dos especialistas como do fim do século I d.C. ou séc. II d.C., Adrados defende a hipótese de que o arquétipo seria uma vida helenística datada do séc. III a.C. Seu principal argumento diz respeito às fábulas inseridas no relato que, segundo sua análise, não teriam passado ainda pelo processo de versificação que as coleções de fábulas sofreram, com a constituição das coleções jâmbicas helenísticas, o que denunciaria seu pertencimento a uma época anterior, dependente da primeira coleção de fábulas em prosa de Demétrio de Falero. Por seu turno, Rosa Giannattasio Andria,¹⁶ a partir de vários testemunhos sobre a figura de Esopo, elencando como fontes Heródoto, Evagon de Samos, Aristóteles, Heráclides de Lesbos, o comediógrafo do século V a.C. Platão e sobretudo Aristófanes, conclui que haveria uma tradição biográfica consolidada sobre Esopo já no século V a.C. e advoga a ideia de que o *Rom. Esopo* não é senão a retomada de uma *Vida de Esopo* composta no século V ou mesmo em fins do século VI a.C.

Ela repõe o argumento de Momigliano sobre a existência de vidas sobre poetas, já no séc. V ou fins do VI a.C., a saber, sobre Homero, Hesíodo, Arquíloco, mas também sobre os sete sábios e sobre figuras de políticos. Problemática, no entanto, é essa identificação de meros testemunhos ou de poucos fragmentos com obras de um gênero cuja constituição é posterior. Dessa forma, não os consideramos como *bíoi*, mas como obras com traços biográficos, nas quais podem ser encontrados alguns dos *tópoi* biográficos que apenas posteriormente são estruturados sistematicamente num *bíos*.

A referência mais antiga de composição de teor biográfico traz à baila o nome de Teágenes de Régio, citado por Táciano, o apologista cristão do séc. II d.C., encabeçando uma lista de autores que teriam escrito pretensas biografias

15. Neste dossiê, falo mais detidamente sobre esta obra em outro artigo: “As recensões G e W da *Vida de Esopo*”. Em outro artigo ainda no prelo, falo mais circunstanciadamente do *Romance de Esopo*, dentro de um corpus de obras que compartilhariam traços em comum, como o *Romance de Alexandre*, a *Vida de Apolônio de Tiana*, os Atos Apócrifos dos Apóstolos e, em certa medida, a *Vida do Filósofo Segundo, o silencioso*; cf. VAN UYTFANGHE, 1993; HANSEN, 1998; STONEMAN, 2007; MORALES, 2009.

16. ANDRIA, 1995, p. 23-56.

17. Cf. GALLO, 2005,
p. 20.

de Homero: “Sobre a poesia de Homero, seu gênero de vida (gênos) e sobre a época em que existiu (flori), os mais antigos foram Teágenes de Régio, que viveu no tempo de Cambises (529-522), Estesímbroto de Tassos, Antímaco de Colofão, Heródoto de Halicarnasso, Dionísio de Olinto (...)” [Teág. 8 A1 D-K = Taciano, Graec. 31].¹⁷ Como havíamos dito, presume-se que circularam no séc. V a.C. relatos biografizantes sobre vidas de poetas épicos e líricos, sobre o concurso de Homero e Hesíodo, sobre os sete sábios e sobre Esopo.

Eis alguns dos testemunhos sobre Teágenes de Régio, a partir de dados retirados do programa **Diógenes**: Theagenes Phil., Testimonia (2275: 001) “Die Fragmente der Vorsokratiker, vol. 1, 6th edn.”, Ed. Diels, H., Kranz, W. Berlin: Weidmann, 1951, Repr. 1966.

Fragment 1, line 1

TATIAN. 31 p. 31, 16 Schw. περὶ γὰρ τῆς Ὀμήρου ποιήσεως γένους τε αὐτοῦ καὶ χρόνου καθ’ ὃν ἤκμασεν προηρεύνησαν πρεσβύτατοι μὲν Θεαγένης τε ὁ Πηγήνιος κατὰ Καμβύσην γεγονώς καὶ Στησίμβροτος ὁ Θάσιος [FGrHist. 107 F 21 II 521] καὶ Ἀντίμαχος ὁ Κολοφώνιος Ἡρόδοτός τε ὁ Ἀλικαρνασσεύς [II 53. 116f.] καὶ Διονύσιος ὁ Ὀλύμπιος κτλ.

1a.1 SCHOL. DIONYS. THRAC. p. 164, 23 Hilg. διττὴ δὲ ἔστιν ἡ γραμματικὴ· ἡ μὲν γὰρ περὶ τοὺς χαρακτῆρας καὶ τὰς τῶν στοιχείων ἐκφωνσεις καταγίνεται, ἥτις καὶ γραμματικὴ λέγεται παλαιὰ οὖσα καὶ πρὸ τῶν Τρωικῶν, σχεδὸν δὲ καὶ ἅμα τῆι φύσει προελθούσα· ἡ δὲ περὶ τὸν ἑλληνισμόν, ἥτις καὶ νεωτέρα ἔστιν, ἀρξαμένη μὲν ἀπο Θεαγένους, τελεσθεῖσα <δὲ> παρὰ τῶν Περιπατητικῶν Πραξιφάνους τε καὶ Ἀριστοτέλους.

2.1 SCHOL. HOM. B zu Y 67 [Porphy. I 240, 14 Schrad.] τοῦ ἀσυμφόρου μὲν ὁ περὶ θεῶν ἔχεται καθόλου λόγος, ὁμοίως δὲ καὶ τοῦ ἀπρεποῦς· οὐ γὰρ πρέποντας τοὺς ὑπὲρ τῶν θεῶν μύθους φησίν. πρὸς δὲ τὴν τοιαύτην κατηγορίαν οἱ μὲν ἀπὸ τῆς λέξεως ἐπιλύουσιν, ἀλληγορίαί πάντα εἰρησθαι νομίζοντες ὑπὲρ τῆς τῶν στοιχείων φύσεως, οἷον <ἐν> ἐναντιώσεσι τῶν θεῶν. καὶ γὰρ φασὶ τὸ ξηρὸν τῶι ὑγρῶι καὶ τὸ θερμὸν τῶι ψυχρῶι μάχεσθαι καὶ τὸ κούφον τῶι βαρεῖ. ἔτι δὲ τὸ μὲν ὕδωρ σβεστικὸν εἶναι τοῦ πυρός, τὸ δὲ πῦρ ξηραντικὸν τοῦ ὕδατος. ὁμοίως δὲ καὶ πᾶσι τοῖς στοιχείοις, ἐξ ὧν τὸ πᾶν συνέστηκεν, ὑπάρχειν ἐναντώσιν, καὶ κατὰ μέρος μὲν ἐπιδέχεσθαι φθορὰν ἅπαξ, τὰ πάντα δὲ μένειν αἰωνέως. μάχας δὲ διατίθεσθαι αὐτόν, διονομάζοντα τὸ μὲν πῦρ Ἀπόλλωνα καὶ Ἥλιον καὶ Ἥφαιστον, τὸ δὲ ὕδωρ Ποσειδῶνα καὶ Σκάμανδρον, τὴν δ’ αὖ σελήνην Ἄρτεριν, τὸν ἀέρα δὲ Ἥραν καὶ τὰ λοιπά. ὁμοίως ἔσθ’ ὅτε καὶ ταῖς

διαθέσειν ὀνόματα θεῶν τιθέναι, τῆι μὲν φρονήσει τὴν Ἄθηναν, τῆι δ' ἀφροσύνηι τὸν Ἄρεα, τῆι δ' ἐπιθυμίαι τὴν Ἀφροδίτην, τῶι λόγῳ δὲ τὸν Ἑρμῆν, καὶ προσοικειοῦσι τούτοις· οὗτος μὲν οὖν <ὁ> τρόπος ἀπολογίας ἀρχαῖος ὡν πᾶνυ καὶ ἀπὸ Θεαγένους τοῦ Ῥηγίνου, ὃς πρῶτος ἔγραψε περὶ Ὀμήρου, τοιοῦτός ἐστιν ἀπὸ τῆς λέξεως.

3.1 SCHOL. HOM. A (zu A 381 ἐπεὶ μάλα οἱ φίλος ἦεν) Σέλευκος φησιν ἐν τῆι Κυπρίαι καὶ Κρητικῆι <εἶναι> <ἐπεὶ ῥά νύ οἱ φίλος ἦεν>. καὶ Θ. οὕτως προφέρεται.

SUID. Θεαγένους χρήματα: ... εἰσὶ δὲ καὶ ἄλλοι δύο Θεαγένεις, εἷς μὲν ὁ περὶ Ὀμήρου γράψας, ἕτερος δὲ ἐπὶ μαλακίαι σκωπτόμενος.

Taciano, 31 – Com efeito, acerca da poesia de Homero, de sua origem (seu gênero de vida¹⁸) e da época em que floresceu, os mais antigos que antes investigaram foram Teágenes de Régio, que nasceu e viveu na época de Cambises, e Estesímbroto de Tassos [FGrHist. 107 F 21 II 521], e Antímaco de Colofão, assim como Heródoto de Halicarnasso [II 53. 116f.] e Dionísio de Olinto etc.

18. Segundo Gallo, aqui haveria referência à expressão *génos tou deina*, ao lado de *bios* ou em associação a ele, que era o título assumido em época tardia das biografias dedicadas a escritores.

Escoliasta de Dionísio Trácio

Dupla é a gramática. Com efeito, uma se ocupa/tem a ver com as letras e com as enunciações dos elementos sonoros, a qual se chama gramática antiga sendo mesmo anterior ao tempo dos troianos, provindo quase juntamente com a natureza; a outra se ocupa do idioma grego, a qual também é mais nova, tendo sido iniciada por Teágenes, foi completada/aperfeiçoada por Praxífanos e Aristóteles.

Escoliasta de Homero B - Y 67 [Porphyr. I 240, 14 Schrad.]

Próprio de alguém prejudicial, e igualmente inconveniente, a proposição/discurso geral que se tem sobre os deuses, pois diz [Homero] mitos não convenientes acerca dos deuses. Porém, contra tal tipo de acusação, alguns solucionam por meio da dicção, ao considerar tudo ser dito ao modo de alegoria acerca da natureza dos elementos, como por exemplo, nos desacordos/contraposições dos deuses. Dizem, pois, inclusive, o seco lutar com o úmido, o calor com o frio/frescor e o leve com o pesado; e ainda a água ser passível de apagar o fogo, e o fogo ser passível de secar a água; e de modo semelhante também entre todos os elementos, a partir dos quais o todo está constituído, existir contraposição, e, em parte, admitir a corrupção em um momento, e, de outro modo, tudo permanecer eternamente. E dizem ele expor (ao dispor os deuses em) lutas, pelo fato de ter denominado

o fogo Apolo, Hélios e Hefesto, a água Poseidon e Escamandro, e, por seu turno, a lua Ártemis, o ar Hera e demais coisas. De modo semelhante acontece quando também se colocam nomes dos deuses para as disposições (do corpo e do espírito), Atenas para a prudência, para a imprudência Ares, para o desejo Afrodite, para o pensar discursivo Hermes, e estas disposições estando associadas/adaptadas a eles. Sendo este, então, um modo de apologia muito antigo, remonta desde Teágenes de Régio, o qual primeiro escreveu sobre Homero, que é tal consoante seu estilo/dicção.

Escolista de Homero A (referente ao Canto I da Ilíada, verso 381)

19. Refere-se ao sacerdote Crises em relação a Apolo.

(Quanto ao verso 381, canto I, “uma vez que lhe era muito querido”¹⁹) Seleuco diz na Cíprica e na Crética <estar>, <uma vez que lhe era então querido>. Também Teágenes assim menciona.

Suda – Coisas/relatos concernentes a Teágenes (...); e existem também outros dois Teágenes, um que escreveu acerca de Homero, e outro que é escarnecido pelo modo delicado/afeminado.

Ao lado desses, foram compostos escritos biografizantes de cunho político. O primeiro representante seria Cílix de Carianda que teria composto uma obra sobre a vida de seu contemporâneo Heráclides, tirano de Milasa, nos primeiros decênios do séc. V, e um relato de teor “autobiográfico” acerca de suas viagens e sua exploração da costa indiana, encomendado por Dario I [Suda, s.v. (=FgrHist709 T1)].

Testemunhos sobre Cílix de Carianda:

Scylax Perieg., Testimonia (0065: 002)
1000 (=“FGrH #709”). Volume-Jacoby’-T 3c,709,T,
fragment 1, line 1

3c,709,T.1.5

1 (FgrHist 709 T 1 = GGM I p. XXXIV) SUDA Ó 710 s.v. Σκύλαξ Καρυανδεύς (πόλις δ’ ἐστὶ τῆς Καρίας πλησίον Ἀλικαρνασσῶν τὰ Καρύανδα). μαθηματικὸς καὶ μουσικὸς. <Περὶ πλου τῶν ἐκτὸς τῶν Ἡρακλέους στηλῶν> Τὰ κατὰ Ἡρακλείδην τὸν Μυλασσῶν βασιλέα Γῆς Περίοδον.

3c,709,T.2a.1

STRABON 14, 2, 20: ἐν δὲ τῷ μεταξὺ Καρύανδα λιμῆν καὶ νῆσος <καὶ πόλις> ὁ μώνυμος ταύτηι, ἦν ὠίκον Καρυανδεῖς <ἐντεῦθεν δ’ ἦν καὶ Σκύλαξ ὁ παλαιὸς συγγραφεύς.>

3c,709,T.2b.1

STEPH. BYZ. s.v. Καρύανδα· πόλις καὶ λιμὴν ὁμώνυμος, πλησίον Μύνδου καὶ Κῶ· Ἐκαταίος (1 F 242) Καρύανδαν αὐτὴν φησι... <ἐντεύθεν ἦν καὶ Σκυλας ὁ παλαιὸς λογογράφος.>

3c,709,T.3a.1

HERODOT. 4, 44: τῆς δὲ Ἀσίας τὰ πολλὰ ὑπὸ Δαρείου ἐξευρέθη, ὅς βουλόμενος Ἰνδὸν ποταμόν, ὁ κροκοδείλους δεύτερος οὐ τὸς ποταμῶν πάντων παρέχεται, τοῦτον τὸν ποταμὸν εἶδέναι τῇ ἐς θάλασσαν ἐκδιδοί, πέμπει πλοίοισι ἄλλους τε τοῖσι ἐπίστευε τὴν ἀληθεῖν ἔρευν <καὶ δὴ καὶ Σκύλακα ἄνδρα Καρυανδέα.> (2) οἱ δὲ ὀρηθέντες ἐκ Κασπατύρου (?) τε πόλιος καὶ τῆς Πακτικῆς γῆς ἔπλεον κατὰ ποταμὸν πρὸς ἠῶ τε καὶ ἡλίου ἀνατολὰς ἐς θάλασσαν, διὰ θαλάσσης δὲ πρὸς ἐσπέρην πλέουτες τριηκοστῶι μηνὶ ἀπικνέονται ἐς τοῦτον τὸν χῶρον ὅθεν ὁ Αἰγυπτίων βασιλεὺς τοὺς Φοίνικας τοὺς πρότερον. (4, 42) ἀπέστειλε περιπλῶειν Λιβύην. (3) μετὰ δὲ τούτους περιπλώσαντας Ἰνδοὺς τε κατεστρέψατο Δαρεῖος καὶ τῆς θαλάσσης ταύτης ἐχρᾶτο. οὕτως καὶ τῆς Ἀσίας πλὴν τὰ πρὸς ἠλίον ἀνίσχοντα τὰ ἄλλα ἀνεύρηται ὅμοια παρεχομῶ;νη τῇ Λιβύῃ.

Suda – Cífax: de Carianda (é uma cidade da Cária perto de Halicarnasso); matemático e músico. [Ele escreveu] *Périplo fora e além das Colunas de Héacles, Relatos sobre Heracleides, o rei (tirano) de Milasa, Circuito da Terra, Escrito em resposta à história de Políbio*.²⁰

Estrabão, 14, 2, 20

20. Na distância interveniente é Carianda um porto, uma ilha (e cidade) de mesmo nome, onde moravam os “cariandenses”. Daí era também Cífax o antigo prosador/historiador.

Estéfano de Bizâncio (lexicógrafo/séc V) – Carianda: cidade e porto de mesmo nome, perto de Míndo e Cós; Hecateu (1 F 242) a chama Carinada ...<daí era também Cífax o antigo logógrafo>

Heródoto, 4, 44

Devemos a Dario as descobertas mais importantes sobre a Ásia; ele queria saber onde se lança ao mar o rio Indos, o segundo entre todos os rios a nutrir crocodilos, e mandou em naus homens considerados suficientemente confiáveis para lhe relatarem a verdade – entre outros Cífax, um homem de Carianda; eles partiram da cidade de Caspátiros e da região pactíica, e navegaram

20. Segundo a padronização feita por Jacoby, a grafia em letras menores indicaria possibilidade de autoria diversa, no caso, atributos ou títulos de obras de autores homônimos: *Circuito da Terra, Escrito em resposta à história de Políbio* teria sido escrito por outro Cífax numa época bem posterior.

rio abaixo na direção do leste e do sol nascente até chegarem ao mar; em seguida os exploradores, singrando o mar, passaram a navegar na direção do oeste, e no trigésimo mês chegaram ao local de onde o rei egípcio havia expedido os fenícios antes mencionados para fazerem o périplo da Líbia. Após esse périplo Dario subjugou os indianos e passou a usar aquele mar. Assim se descobriu que a Ásia, à exceção das regiões situadas na direção do sol nascente, sob outros aspectos se assemelha à Líbia.

Enquanto desses exemplos anteriores há quase que exclusivamente referências externas e alusões a títulos de obras, por seu turno, de Íon de Quios e Estesíbroto de Tassos restaram fragmentos de suas obras. Do primeiro, Íon, os fragmentos remanescentes [FgrHist 392 F1-11= fr. 100-112 Leurini] são de uma obra de cerca de 440 a.C. intitulada *Epidemíai*, em que se contavam suas aventuras e encontros com personagens ilustres, como Címon, Péricles, Sófocles entre outros, de teor autobiográfico repleto de anedotas e descrições explorando o *ethos*, o caráter dos personagens. De Estesíbroto de Tassos, restaram fragmentos um pouco mais substanciosos de sua obra *Sobre Temístocles, Tucídides e Péricles* [FgrHist 107 F1-11], também com ênfase sobre o *ethos* dos personagens. Por último, aparece o nome de Xanto de Lídia, de fins do séc. V, reportado por Diógenes Laércio [VIII 63 (=FgrHist 107 F32-33)] como tendo escrito uma obra sobre Empédocles, mas cujo caráter biográfico é puramente hipotético.

Sobre Estesíbroto de Tassos, na obra “*Sobre Temístocles, Tucídides e Péricles*”:

21. JACOBY, Felix. *Die Fragmente der Griechischen Historiker (FgrHist) Continued. Part 4. Biography and Antiquarian Literature*. Edited by G. Schepens. Leiden; Boston; Köln. IV A: Biography. Fasc. 1. The pre-Hellenistic period/ by J. Bollansée- J. Engels – G. Schepens- E. Theys, 1998.

1002 (=107). Stesimbrotos of Thasos²¹

10a (= FHG F 10) Athenaeus XIII, de Péricles: Ἦν δ' οὗτος <ὁ> ἀνὴρ πρὸς ἀφροδίσια πάνυ καταφερής· ὅστις καὶ τῆ τοῦ υἱοῦ γυναικὶ συνῆν, ὡς Σπησίμβροτος ὁ Θάσιος ἱστορεῖ, κατὰ τοὺς αὐτοὺς αὐτῶ χρόνους γενόμενος καὶ ἑωρακὼς αὐτόν, ἐν τῶ ἐπιγραφομένῳ Περὶ Θεμιστοκλέους καὶ Θουκυδίδου καὶ Περικλέους.

(Sobre Péricles) Era um homem muito inclinado às relações sexuais, como alguém que transava até com a esposa do filho, tal como relata Estesíbroto de Tassos, que viveu na mesma época que ele e o tem considerado na obra intitulada “*Sobre Temístocles, Tucídides e Péricles*”.

Sobre Íon de Quios:²²

392. Ion von Chios

6 (1)ATHEN. 13, 81 p. 603 E – 604 D: φιλομῆραξ δὲ ἦν ὁ Σοφοκλῆς,

ὡς Εὐριπίδης φιλογύνης. Ἴων γοῦν ὁ ποιητὴς ἐν ταῖς ἐπιγραφομέναις Ἐπιδημίαις γράφει οὕτως· <«Σοφοκλεῖ τῷ ποιητῇ ἐν Χίῳ συνήντησα, ὅτε ἔπλει εἰς Λέσβον στρατηγός, ἄνδρι παιδιῶδει παρ' οἶνον καὶ δεξιῶι. Ἑρμεσίλω δὲ ξένου οἱ ἐόντος καὶ προξένου Ἀθηναίων ἐστιῶντος αὐτόν, ἐπεὶ παρὰ τὸ πῦρ ἐστεῶς ὁ τὸν οἶνον ἐγγέων παῖς ** ἐὼν δηλὸς ἦν εἶπέ τε ἄβυλι με ἠδέεωσ πίνειν· φάντος δ' αὐτοῦ, βραδέεωσ τοῖνον καὶ πρόσφερέ μοι καὶ ἀπόφερε τὴν κύλικα'. ἔτι πολὺ μᾶλλον ἐρυφριάσαντος τοῦ παιδός, εἶπε πρὸς τὸν συγκατακείμενον· ὡς καλῶς Φρύνιχος > (III 561, 2 Bgk⁴) <ἐποίησεν εἴπας ἄλαμπε δ' ἐπὶ πορφυρέαις παρήισιν φῶς ἔρωτος'. καὶ πρὸς τὸδε ἡμείφθη ὁ Ἑρετριεύς ἢ Ἐρυθραῖς, γραμματῶν ἐὼν διδάσκαλος· σοφὸς μὲν δὴ σύ γε εἶ, ὦ Σοφόκλεις, ἐν ποιήσει· ὅμως μέντοι γε οὐκ εὖ εἴρηκε Φρύνιχος πορφυρέας εἰπὼν τὰς γνάθους τοῦ καλοῦ. εἰ γὰρ ὁ ζωγράφος χροῶματι πορφυρέωι ἐναλείψει τουδί τοῦ παιδός τὰς γνάθους, οὐκ ἂν ἔτι καλὸς φαίνοιτο. οὐ κάρτα δὴ <καλόν> τὸ καλὸν τῷ μὴ καλοῶι φαινομένωι εἰκάζειν.' ἀνυγέλασας <δ' > ἐπὶ τῷ Ἑρετριεῖ Σοφοκλῆς ἄρα τὸδε σοὶ ἀρέσκει ἄρα, ὦ ξένη, τὸ Σιμωνίδειον> (F 44 Diehl) <κάρτα δοκέον τοῖς Ἑλλήσιν εὖ εἰρησθαὶ πορφυρέω ἀπὸ στόματος ἴεῖσα φωνὰν παρθένος', οὐδ' ὁ ποιητὴς (ἔφη) <ὁ> λέγων ἄχρυσόκομαν Ἀπόλλωνα> (Pindar. Ol. 6, 41); <χρυσέας γὰρ εἰ ἐποίησεν ὁ ζωγράφος τὰς τοῦ θεοῦ κόμας καὶ μὴ μελαίνας, χεῖρον ἂν ἦν τὸ ζωγράφημα. οὐδὲ ὁ φᾶς ῥοδοδάκτυλον· εἰ γὰρ τις εἰς ῥόδεον χροῶμα βάψει τοὺς δακτύλους, πορφυροβάφου χεῖρας καὶ οὐ γυναικὸς καλῆς ποιήσειεν <ἂν>'. γελασάντων δὲ, ὁ μὲν Ἑρετριεύς ἐνωπήθη τῇ ἐπιραπίξει, ὁ δὲ πάλιν τοῦ παιδός τῷ λόγῳ εἴχετο. εἴρετο γὰρ μιν ἀπὸ τῆς κύλικος κάρφος τῷ μικρῷ δακτύλῳ ἀφαιρετέοντα, εἰ καθοραῖτὸ κάρφος. φάντος δὲ καθορᾶν, ἀπὸ τοῖνον φύσησον αὐτό, ἵνα μὴ πλύνῃτο ὁ δάκτυλός σοι'. προσαγαγόντος δ' αὐτοῦ τὸ πρόσωπον πρὸς τὴν κύλικα, ἐγγυτέπω τὴν κύλικα τοῦ ἑαυτοῦ στόματος ἦγεν, ἵνα δὴ ἡ κεφαλὴ τῇ κεφαλῇ ἄσσοτέρα γένηται· ὡς δ' ἦν οἱ κάρτα πλησίον, περιλαβὼν τῇ χειρὶ ἐφίλησεν. ἐπικροτησάντων δὲ πάντων σὺν γέλωτι καὶ βοῇ ὡς εὖ ὑπηγάετο τὸν παῖδα, μελετῶ (εἶπεν) στρατηγεῖν, ὦ ἄνδρες, ἐπειδὴ περ Περικλῆς ποιεῖν μὲν <με> ἔφη, στρατηγεῖν δ' οὐκ ἐπίστασθαι. ἄρ' οὖν οὐ κατ' ὀρθόν μοι πέπτωκεν τὸ στρατήγημα; τοιαῦτα πολλὰ δεξιῶς ἔλεγεν τε καὶ ἔπρησεν, ὅτε πίνῃ [ἢ πράσσοι]. τὰ μέντοι πολιτικὰ οὔτε σοφὸς οὔτε ρεκτῆριος ἦν, ἀλλ' ὡς ἂν τις εἰς τῶν χρηστῶν Ἀθηναίων».>

22. JACOBY, Felix. *Die Fragmente der Griechischen Historiker (FGrHist)*. Dritter Teil . Geschichte von Staedten und Voelkern (Horo-graphie und Etnographie) b Kommentar zu NR. 297-607, 1955.

Ateneu, Banquete dos Filósofos, 81:

“Sófocles era aficionado por garotos, assim como Eurípides era por mulheres. Nesse sentido, o poeta Íon [de Quios] em sua obra intitulada “*Epidemiai*” (Estadias ou Anotações de jornadas) relata da seguinte forma: “Encontrei-me com o poeta Sófocles em Quios, quando navegava para Lesbos na qualidade de general, sendo ele muito divertido sob o influxo do vinho e espirituoso (habilidoso). Hermesíleo tinha com ele relações de hospitalidade, sendo próximo dos atenienses, e o entreteinha em sua casa; uma vez que o garoto que servia o vinho, tendo se postado do lado do fogo, ficara avermelhado, evidente que Sófocles se manifestou e disse a ele: “Você quer que eu beba (realmente) com prazer?” E, tendo o rapaz respondido afirmativamente, (ele continuou): “Bem devagar, então, coloque a copa para mim e depois a deponha”. E como o garotinho ficou ainda muito mais ruborizado, ele disse ao que estava postado ao lado: “De que modo esplêndido Frínico compôs uma passagem poética enunciando: “brilha nas faces púrpuras a luz do amor”. Nesse momento, um mestre de escola, oriundo da Eritreia, fez-lhe a seguinte réplica: “Sábio (habilidoso) tu és, com justiça, Sófocles, em poesia, contudo Frínico não enunciou com decoro ao dizer púrpuras as bochechas de quem é belo, pois, se um pintor aplicasse uma cor púrpura às bochechas, não mais belo pareceria. De fato não condiz assimilar comparando o belo com o que não parece belo. E Sófocles, caindo na gargalhada, disse ao eritreu: “Não te agrada então, ó estrangeiro, isto composto por Simônides, reputado entre os gregos como muito bem elaborado: “de uma boca púrpura a virgem alçava sua voz”, nem o poeta (Píndaro) que disse: “Apolo de áurea cabeleira”?, pois se o pintor fizesse dourados os cabelos do deus e não negros, resultaria bem pior a pintura. Nem aquele que diz “de dedo cor de rosa?” Pois se alguém pintasse de cor rosa os dedos, representaria os braços de alguém que trabalha com tintura púrpura e não próprios de uma bela mulher. Rindo os demais, o eritreu ficou aturdido e embaraçado com a réplica reprovadora de Sófocles e este novamente seguiu a conversação com o garotinho. Perguntava, com efeito, quando aquele tentava retirar uma palha da copa com o dedo mínimo, se divisava bem a palha; ao afirmar o outro que a via, (ele disse): à parte então sopra-a, para que não se molhe o seu dedo”. E, quando aquele aproximou o rosto da copa, ele (Sófocles) levou sua boca mais próximo também da copa, para que cabeça de cabeça ficasse o mais próximo possível (uma cabeça da outra). E, quando estava dele bem perto, envolvendo-o com o braço deu-lhe um beijo. Depois que todos

explodiram em palmas com risos e gritaria, ele falou: “estou treinando a exercitar estratégias militares, ó senhores, uma vez que Péricles disse que eu sou bom em compor poesia, mas que não sei agir como general. Por acaso, então, não sucedeu de ser correta e eficaz a minha estratégia?” Muitos outros procedimentos do tipo ele dizia e atuava de forma espirituosa, tanto na ocasião de beber como no momento de agir (em situação mais íntima). Quanto aos negócios políticos, não era nem habilidoso nem eficiente, porém agia como qualquer um dos atenienses da classe nobre.

Sobre Xanto de Lídia: **ΠΕΡΙ ΕΜΠΕΔΟΚΑΕΟΥΣ**
1 (FgrHist 765 F 33) Diógenes Laércio, philosophi Vita VIII, 63:

Φησὶ δ' αὐτὸν (sc. Ἐμπεδοκλέα; F 31[21].A.1 Diels-Kranz) καὶ Ἀριστοτέλης (F 66 Rose; Ross, Soph. F 2; F 865 Gigon) ἐλεύθερον γεγενῆσθαι καὶ πάσης ἀρχῆς ἀλλότροιν, εἴ γε τὴν βασιλείαν αὐτῷ δεδομένην παρητήσατο, καθάπερ Ξάνθος ἐν τοῖς περὶ αὐτοῦ λέγει, τὴν λιτότητα δηλονότι πλεον ἄγαπήσας.

“Também Aristóteles diz que ele (Empédocles) era de uma qualidade propriamente libertária e avesso a todo tipo de poder, se, de certo, ele recusou o poder real que lhe foi oferecido, conforme Xanto (de Lídia) relata em sua obra sobre ele, uma vez que evidentemente preferia um modo de vida simples.

Sem empreendermos uma análise aprofundada dos fragmentos, há de se enfatizar a presença de vários *tópoi* biográficos e suas formas de utilização. Nesse sentido, o caráter anedótico é um traço constitutivo do gênero, uma certa tendência para o comentário curioso com caráter de fofoca, como, por exemplo, no fragmento de Estesíbroto de Tassos, que sublinhava o caráter extremamente libidinoso de Péricles quanto às mulheres; por seu turno, no fragmento de Íon de Quios, o caráter de Sófocles é explicitado num relato anedótico, em que não faltam referências à poesia e às artes plásticas, ou seja, aparecem os *tópoi* a1, a2, c2, c3, f4. Quanto a Xanto de Lídia, há apenas referências breves aos *tópoi* a1 e a2, ação de recusar o oferecimento de poder real e sua caracterização como um paladino da liberdade.

Tanto tais fragmentos de teor biografizante quanto as obras, por assim dizer, proto-biográficas da primeira metade do séc. IV a.C. são imprescindíveis para a compreensão e

constituição do gênero do *bíos* na Antiguidade. Em função disso, como instrumental teórico-metodológico, julgo produtivo utilizar essa concepção de *tópos* discursivo, de modo geral, e *tópos* biográfico, de modo particular, para a análise de tais obras. Como dito anteriormente, *tópos* discursivo diz respeito não apenas ao emprego recorrente de temas, torneios sintáticos e estilísticos, como também à sua vinculação a uma função narrativa e contextual, a seu emprego como nexos entre as sequências diegéticas e a sua estruturação (ligada também à transmissão e recepção) de caráter mnemônico, ou seja, referente à técnica mnemotécnica e visando a memorização. Em todos esses fragmentos ou nesses testemunhos sobre essas narrativas, o *tópos* discursivo, segundo a taxinomia proposta, revela-se como temático, sintático e estilístico, indicativo da prosa singular de um escritor, de uma escola ou corrente ou mesmo de um período, indicando muitas das características do gênero do *bíos* posterior e, assim, relevante para se pensar sua constituição bem como os contornos e implicações de uma ambiência biográfica de maior abrangência.

Érrose.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRADOS, Francisco Rodriguez. *Historia de la fábula greco-latina*. V. I. Introduction y de los orígenes a la Edad Helenística. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1979.

ANDRIA, Rosa Gianattasio. Il Bios di Esopo e I Primordi Della Biografia. In: *Biografia e autobiografia degli antichi e dei moderni*. A cura di Italo Gallo e Luciano Nicastrì. Napoli: Edizione Scientifiche Italiane, 1995, p. 23-56.

BERGER, Klaus. 'Hellenistische Gattungen im Neuen Testament', in: *ANRW II* 25.2 (1984) 1031-1432, hier 1243-44.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A poética do hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. v. 1. 369 p.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A invenção do Romance*. Brasília: Editora UNB, 2005.

BURRIDGE, Richard A. *What are the Gospels? A Comparison with Graeco-Roman Biography*. Michigan/Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, Gran Rapids, 2004.

COX, Patricia. *Biography in Late Antiquity: a Quest for the Holy Man*. Berkeley-Los Angeles-London: University of California Press, 1983, p. 17-44.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1977.

DIOGENES LAERTIUS. *Vitae philosophorum*. "Diogenis Laertii vitae philosophorum, 2 vols.", Ed. Long, H.S. Oxford: Clarendon Press, 1964, Repr. 1966.

FILOSTRATO. *Vidas de Los Sofistas*. In: *Biografos Griegos*. Traducciones del Griggo y notas por Antônio Sanz Romanillos, José Ortiz y Sanz y José M. Riario. Prólogo General por Juan Martín Ruiz Werner; Preámbulos parciales por F. de P. Samaranch y J. M. Riario. Madrid: Aguilar, 1973.

GALLO, I. *La biografia greca*. Profilo storico e breve antologia di testi. Rubbettino: Soveria Mannelli, 2005.

GUIJARRO, Sergi Grau i. *La imatge del filòsof i de l'activitat filosòfica a la Grècia antiga*. Anàlisi dels tòpics biogràfics presents a les *Vides i doctrines dels filòsofs més il·lustres* de Diògenes Laerci. Tese de doctorado, Departament de Filologia Grega, Universitat de Barcelona, Barcelona, 2007.

HÄGG, Tomas. *The Novel in Antiquity*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1983.

HÄGG, Tomas. The Ideal Greek Novel from a Biographical Perspective. In: KARLA, Grammatiki A. (Ed.) *Fiction on the fringe: novelistic writing in the post-classical age*. Leiden: Brill, 2009, p. 33-48.

HANSEN, William (Ed.). *Ancient Greek Popular Literature*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1998.

HOLZBERG, Niklas. *The Ancient Novel*. An Introduction. London and New York: Routledge, 1995.

HOLZBERG, Niklas (ed.). *Der Äsop-Roman*. Motivgeschichte und Erzählstruktur. Tübingen: Narr, 1992.

IPIRANGA JÚNIOR, Pedro. *Imagens do outro como um si mesmo: drama e narrativa nos relatos biográficos de Luciano de Samosata e na Vita Antonii de Atanásio*. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006 .

IPIRANGA JÚNIOR, Pedro. Romance apócrifo ou marginal. In: *SIMPÓSIO DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA USP*, 3. São Paulo: Humanitas, 2009, p. 59-78.

IPIRANGA JÚNIOR, Pedro. Bios e hibridização: biografia cristã e pagã. *Clássica*, vol. 1, São Paulo, 2011, p. 90-101.

JACOBY, Felix. *Die Fragmente der Griechischen Historiker (FgrHist) Continued. Part 4. Biography and Antiquarian Literature*. Edited by G. Schepens. Leiden; Boston; Köln. IV A: Biography. Fasc. 1. The pre-Hellenistic period/ by J. Bollansée- J. Engels – G. Schepens- E. Theys, 1998.

JACOBY, Felix. *Die Fragmente der Griechischen Historiker (FgrHist)*. Dritter Teil . Geschichter von Staedten und Voelkern (Horographie und Etnographie) b Kommentar zu NR. 297-607, 1955.

JOUANNO, Corinne. *Vie d'Ésope*, traduite et commentée par Corinne Jouanno, La Roue à Livres, Paris, 2006, 264 p.

JOUANNO, Corinne. Novelistic Lives and Historical Biographies: The *Life of Aesop* and the *Alexander Romance* as Fringe Novels. In: KARLA, Grammatiki A. (Ed.) *Fiction on the fringe: novelistic writing in the post-classical age*. Leiden: Brill, 2009, p. 33-48.

KARLA, Grammatiki A. Fictional Biography Vis-à-vis Romance: Affinity and Differentiation. In: KARLA, Grammatiki A. (Ed.) *Fiction on the fringe: novelistic writing in the post-classical age*. Leiden: Brill, 2009, p. 13-32.

KARLA, Grammatiki A. *Vita Aesopi: Ueberlieferung, Sprach und Edition einer fruehbyzantinischen Fassung des Aesopromans. Serta Graeca: Beitrage zur Erforschung griechischer Texte, 13.* Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag, 2001.

KONSTAN, David. *Love in the Ancient Novel and Related Genres.* Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1994.

LALLEMAN, Pieter J. The Canonical and Apocryphal Acts of the Apostles. In: *Groningen Colloquia on the novel.* Vol. IX. Egbert Forsten: Groningen, 1998, p. 181-192.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique.* Paris, Seuil, 1975.

LUCIAN. Lucian with an English Translation. Translation by A. M. Harmon. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 1996 (v.I), 1988 (v.II), 1969 (v.III), 1992 (v. IV), 1996 (v. V), 1990 (v. VI).

LUCIANO. *Uma História Verdica.* Pref., trad. e notas de Custódio Magueijo. Lisboa: Inquérito, Edição n? 816 113/0076.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *De Paganos, Judíos y cristianos,* México: Fondo e Cultura Económica, 1992.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *La Naissance de la Biographie en Grèce Ancienne.* Traduit de l'Anglais par Estelle Oudot, Strausbourg: Circé, 1991.

MORALES, Helen. Challenging some orthodoxies, 2009. In: KARLA, Grammatiki A. (Ed.) *Fiction on the fringe: novelistic writing in the post-classical age.* Leiden: Brill, 2009, p. 1-12.

OTERO, Aurelio de Santos(ed.). *Los Evangelios Apócrifos.* Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999.

PAPATHOMOPOULOS, Manoles. *O bios tou Aisopou : he parallage W. Editio princeps.* Athens: Ekdoseis Papadema, 1999, 206 p.

PAPATHOMOPOULOS, Manoles. *O bios tou Aisopou : he parallage G. Kritike ekdose me Eisagoge, Keimeno, kai Metaphrase, 2nd edition.* Ioannina: G. Tsoles, 1991.

PERRY, Edwin. *Aesopica*. A series of texts relating to Aesop or ascribed to him or closely connected with the literary tradition that bears his name. Urbana, Illinois: The University of Illinois Press, 1952.

PHILOSTRATUS. *The Life of Apollonius of Tyana*. Ed. Christopher P. Jones, vol. 1 (Books I–IV) and 2 (Books V–VIII). Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 2005 (Loeb Classical Library no. 16 and no. 17).

PIRERO, Antonio; CERRO, Gonzalo del (ed.). *Hechos Apócrifos de los Apóstoles I*. Hechos de Andrés, Juan y Pedro. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

PSEUDO CALÍSTENES. *Vida y Hazaras de Alejandro de Macedônia*. Traducción, prólogo y notas de Carlos García Gual. Madrid: Editorial Gredos, 1988.

REARDON, B. P. *Courrants Litteraires Grecs de II e. et IIIe. Siècles Après J. C.*, Paris: Les Belles Lettres, 1971.

REARDON, B. P. *The Form of Greek Romance*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1991.

SMITH, Justin M. Genre, Sub-Genre And Questions Of Audience: A Proposed Typology For Greco-Roman Biography in: *JGRChJ* 4, 2007, p. 184-216.

STONEMAN, Richard (Ed.). *Il romanzo di Alessandro*. Vol. I. Traduzione di Tristano Gargiulo. Fondazione Lorenzo Valla, Arnoldo Mondadori Editore, 2007.

SWAIN, Simon. Biography and Biographic in the Literature of the Roman Empire. In: EDWARDS, M. J.; SWAIN, Simon (Ed.). *Portraits Biographical Representation in the Greek and Latin Literature of the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1997, p. 1-38.

TALBERT, Charles H. *What Is a Gospel? the Genre of the Canonical Gospels*. Philadelphia: Fortress Press, 1977, p. 94-96.

TILG, Stephan. *Chariton of Aphrodisias and the Invention of the Greek Love Novel*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2010.

VAN UYTFANGHE, Marc. L'Hagiographie un "genre" chrétien ou antique tardif?. *Analecta Bollandiana* (Revue Critique D'Hagiographie), Bruxelles: Société des Bollandistes (Tome 111), 1993, p. 67-85.

VOUAUX, Léon. *Les actes de Paul et ses Lettres Apocryphes*. Paris: Librairie Letouzey et Ané, 1913.

WEHRLI, Fritz. 'Gnome, Anekdote und Biographie', *Museum Helveticum* 30 (1973), pp. 1193-208 (193). In: ANRW 2.25.2 (1984), 1031– 432.

WITHMARSH, Tim (de.). *The Cambridge Companion to the Greek and Roman Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

Enviado em janeiro de 2014
Aprovado em abril de 2014.

